

CALAMIDADE NO RS

São Leopoldo

As águas do Sinos ultrapassam os diques e tomam as ruas da cidade

Guilherme Schmidt

guilherme.schmidt@gruposinos.com.br

São Leopoldo – Os dias do final de abril e deste início de maio ficarão gravados na memória de muitas pessoas. O maior desastre climático do Rio Grande do Sul entra para história de muitas cidades que se confrontaram com a enchente mais trágica e de proporções nunca antes vistas. A sempre referencial cheia de 1941 ficou para trás em São Leopoldo e no RS. As enchentes deste últimos dias superaram as de 80 anos atrás, apesar de hoje muitas cidades terem investido em sistemas de contenção.

É o caso de São Leopoldo, que nos anos 1970, após ter a cidade invadida dramaticamente nas décadas de 1940 e 1960, decidiu investir, com o apoio do governo da Alemanha em um sistema de contenção de cheias que tinha nos diques (muras de terra e concreto) sua maior barreira, juntamente com casas de bombas.

Mas as chuvas do últimos dias foram tão intensas que as águas do Rio dos Sinos passaram por cima do sistema.

“Nós nunca tivemos o rio e o dique tão cheio como temos visto, em toda a sua história desde a sua construção. Essa marca é uma marca histórica”, disse o prefeito Ary Vanazzi, neste fim de semana, no qual também viu a sua casa ser inundada no bairro Campina. “Só ficou a pinha de fora, Me deu uma tristeza enorme. Tudo o que construí na minha vida estava naquela casa. Se vocês têm dor no coração, na alma, viu pessoas chorando, eu também chorei. Isso dói. Mas nós temos condições de levantar a cabeça. (...) A cidade vai reagir”

Rio estabiliza e baixa

Como a Prefeitura ficou sem acesso à medição na régua devido à inundação, as informações sobre o Rio dos Sinos são somente pelo site da Rede Hidrometeorológica Nacional no qual o sis-



Vista área do Centro em direção ao bairro Rio dos Sinos e Campina (à esquerda, a BR-116)



Imagens aéreas mostram a enchente na BR-116 e nos bairros Scharlau e Santos Dumont

tema de hidrotopometria aponta que o nível do rio baixou durante o domingo. Por um bom tempo ficou na mara de 7,84 metros e por volta das 22 horas do domingo estava em 7,77m.

O rio chegou 8,1 metros no sábado (dia 4), superando números de 1941, que até então era a pior cheia -



Prefeito Vanazzi

lembrando que ela ocorreu quando a cidade ainda não possuía qualquer sistema de enfrentamento a inundações. Um dos parâmetros que pode medir isso é a chegada da água do Sinos na Praça dos Brinquedos (nos Correios).

A tendência é de baixa, mas este recuo das águas deverá ser lento devido ao

grande volume de água no rio.

“Turistas” e curiosos

O número de pessoas que tem ido olhar a cheia junto a áreas inundadas no Centro e nos bairros leopoldenses é grande desde a sexta-feira (3). O problema é que este movimento tem atrapalhado o trabalho das equipes de resgate e o deslocamento de integrantes da força-tarefa na cidade.

A capitã do 25º Batalhão

da Brigada Militar de São Leopoldo, Bibiana Beck Menezes, fez um apelo, neste domingo, pedindo para que essas pessoas que não têm envolvimento com o voluntariado ou com a situação fiquem em casa. “A população que esteja nas ruas apenas por curiosidade volte para as suas residências, porque isso está trazendo um transtorno imensurável para o resgate se tornar mais efetivo.”

Cidade segue sem acessos nas pontes

Com a águas ainda cobrindo as vias no entorno, as quatro pontes que atravessam o Rio dos Sinos em São Leopoldo, ligando o Vale do Sinos à capital, seguem interditadas. As pontes da BR-116 (interditadas após vistoria técnica constatar risco estrutural), a Ponte 25 de Julho (a histórica ponte de ferro que já havia enfrentado a cheia de 1941 e tem limite de carga devido à sua estrutura antiga), a Ponte Henrique Roessler (ao lado do Ginásio Municipal) e a Ponte Ingá (a da Avenida Mauá, ao lado do trensurb) foram interditadas em uma sequência que ocorreu em 24 horas, desde a manhã de sexta-feira (3) à manhã de sábado (4), conforme as vistorias e avaliações de impacto das cheias eram feitas.

As pontes da BR-116, que são de responsabilidade do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) só serão liberadas após o rio baixar o suficiente para uma vistoria técnica que vai avaliar as condições das estruturas. Além disso, as águas encobrem parte das pistas da rodovia (na foto maior ao lado, à esquerda, dá para ver as partes inundadas junto à ponte que por pouco não ficou submersa) próxima ao Rio dos Sinos e nos limites dos bairros Centro e São Miguel na periferia urbana leopoldense.

Já as outras três pontes, de responsabilidade da Prefeitura de São Leopoldo, que foi interditando elas a cada subida do Sinos. Estas travessias também passarão por vistorias, mas o maior entrave para liberação delas são as ruas inundadas nos acessos a elas. No caso, a Avenida Caxias do Sul e a Dom João Becker (ligadas pela ponte 25 de Julho); as ruas Doutor Hillebrand e Rua São Joaquim (da ponte Roessler) e a Avenida Mauá (Ponte Ingá). Enquanto a água não baixar nestas vias, não há como liberar as pontes.